




**FESTAR E APRENDER: ETNOGRAFIA DE UMA CASA NOTURNA, NA PERSPECTIVA DE AMBIENTE EDUCATIVO, SEXUALIDADE, GÊNERO, CORPO E DIVERSIDADE**

**PARTY AND LEARN: ETHNOGRAPHY OF NIGHTCLUB, FROM THE PERSPECTIVE OF EDUCATION ENVIRONMENT, SEXUALITY, GENDER, BODY AND DIVERSITY.**

**FIESTA Y APRENDER: ETNOGRAFÍA DE UNA DISCOTECA, EN LA PERSPECTIVA DE ENTORNO EDUCATIVO, SEXUALIDAD, GÉNERO, CURPO Y DIVERSIDAD**

Lucas Matias da Silveira<sup>1</sup>

Flavia de Mattos Motta<sup>2</sup>

 10.21665/2318-3888.v9n17p152-178

## RESUMO

Este estudo teve como propósito investigar as pedagogias presentes nas práticas sociais relacionadas à casa noturna, denominada 1007, localizada no município de Florianópolis - SC. A balada<sup>3</sup> surgiu no ano de 2009 começando a funcionar como boate e prostíbulo ao mesmo tempo. Desta forma, a casa incorpora valores e uma cultura que compartilha com seus frequentadores através de pedagogias diversas, criando assim um *ethos* do 1007. Este artigo se organiza da seguinte maneira: como o ambiente se estrutura, expondo todos os ambientes e espaços; caracterização do público frequentador; e a partir disso, realizou-se uma análise de como estes ambientes, estabelecimento e público produzem pedagogias, utilizando-se de discursos, performances, a cultura e valores operantes no 1007, resultando em construção de corpo, gênero e sexualidade no espaço em questão, envolvendo principalmente a comunidade LGBT+. A pesquisa foi realizada, em 2015, utilizando método da etnografia, combinada a um questionário online realizado com frequentadores da balada e uma entrevista semiestruturada com o proprietário da casa noturna e também com funcionários.

**Palavras-chave:** Ambiente educativo. LGBT+. Gênero. Sexualidades. Corpo.

---

<sup>1</sup> Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e desenvolvimento Socioambiental da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). E-mail: lucasmatias@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (2002). Professora adjunta da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), onde integra o Laboratório de Relações de Gênero e Família (LABGEF). E-mail: flaviademattosmotta@gmail.com.

<sup>3</sup> Gíria utilizada entre jovens para reportar casa noturna.

## ABSTRACT

This study aimed to investigate the pedagogies present in social practices related to nightclub, called 1007, located in the city of Florianópolis – SC (Brazil). The club appeared in the year 2009, starting to work as a nightclub and brothel at the same time. In this way, the club incorporates values and a culture, sharing them with its visitors through different pedagogies, thus creating an ethos of 1007. This article is organized as follows: how the environment is structured, exposing all environments and spaces; characterization of the public attending; and analysis of how these environments, establishment and public produce pedagogies. This analysis uses speeches, performances, culture and values operating in 1007, resulting in the construction of body, gender and sexuality inserted in the space in question, mainly involving the LGBT + community. The survey was conducted in 2015, using an ethnography method, combined with an online questionnaire carried out with partygoers, in addition to a semi-structured interview with the owner of the nightclub, as well as with its employees.

**Keywords:** Educational Environment. LGBT+. Gender. Sexualities. Body.

## RESUMEN

Ese estudio tuvo por objetivo investigar las pedagogías presentes en prácticas sociales relacionadas con la discoteca, llamada 1007, ubicada en la ciudad de Florianópolis – SC (Brazil). El boliche arrancó en 2009 comenzando a funcionar como un club nocturno y burdel al mismo tiempo. De esa manera, la casa incorpora valores y una cultura que comparte con sus asiduos a través de diversas pedagogías, creando así un ethos de 1007. Ese artículo tiene la siguiente organización: cómo se estructura el entorno, exponiendo todos los entornos y espacios; caracterización del público asistente; y a partir de eso, un análisis de cómo estos entornos, establecimiento y público producen pedagogías, utilizando discursos, performances, cultura y valores que operan en 1007, abriendo espacio a la construcción del cuerpo, género y sexualidad en el sitio en cuestión, involucrando principalmente a la comunidad LGBT+. La investigación se llevó a cabo en 2015, utilizando un método etnógrafo, combinado con un cuestionario en línea realizado con asistentes al club y una entrevista semiestructurada con el propietario de la discoteca y también con los empleados.

**Palabras clave:** Entorno educativo. Pedagogía. LGBT+. Género. Sexualidades. Cuerpo.

## Introdução

A análise de espaços educativos fora do ambiente escolar formal tem se revelado de extrema importância para compreendermos os processos de socialização dos jovens em nossa sociedade, mormente no que se refere a gênero e sexualidade. Marcel Mauss (2010), nos primórdios da sociologia da infância já nos dava pistas da importância desse aprendizado mais horizontal no interior das classes de idade e mesmo entre jovens mais novos com os mais velhos (LIMA E CUNHA, 2013).

Carrano (2001) demonstra que, em espaços educativos para além do ambiente escolar formal, ocorre um processo de reforma moral e política entre os jovens, muito mais efetiva que nos ambientes escolares formais pois, muitas vezes, eles estão petrificados e apartados dos movimentos políticos e culturais da sociedade. Desta forma, qualquer ambiente pode ser educativo, a “[...] educação é algo presente em muitos ambientes, a educação está em tudo [...]” (SEFFNER; FIGLIUZZI, 2011, p. 45).

Gênero e sexualidade são exemplos do que é construído e aprendido pelos jovens nos espaços e ambientes que frequentam. Beauvoir já postulava que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, assim como, para Louro (2008b, p.18), a “construção do gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda vida, continuamente, infundavelmente”. Deste modo, a todo momento estamos aprendendo e (re)construindo as questões de gênero e sexualidade nos nossos corpos. No caso dos jovens, isso acontece de forma privilegiada nos locais por eles escolhidos para performar identidades, promover aproximações afetivo-sexuais e confraternizar com seu próprio grupo etário.

Partindo desses pressupostos, este trabalho tem como objetivo investigar e analisar as pedagogias presentes nas práticas sociais de gênero, sexualidade e corpo relacionadas à casa noturna “1007”, localizada em Florianópolis-SC, e ao seu público principal, os LGBT+. A metodologia se baseia em etnografia, com observação participante, realizada durante o ano de 2015, associada a um questionário *on-line* respondido por 69 frequentadores do 1007 e uma entrevista semiestruturada com o proprietário da casa noturna e com funcionários. A partir daí, são descritas e analisadas as práticas discursivas e as práticas

não discursivas (FOUCAULT, 2008), produzidas pela casa noturna e seus clientes, nas quais estão relacionadas à sexualidade e gênero, produzem e exercem poder e saber na determinada comunidade. Caracterizando o público do 1007, não sem alguma variação em relação à sua classe, identidade de gênero, orientação sexual, idade, grau de escolarização, cor ou raça, descreve-se um *ethos* (GEERTZ, 2008) dos seus frequentadores. Este trabalho justifica-se por debater como outros espaços, que não são educativos formais, também podem ser possuidores de pedagogias, assim contribuindo para a (re)construção do corpo e assim da identidade de seus frequentadores.

A partir do exposto, este trabalho apresenta-se em três seções: “*o que é o 1007?*” no qual apresenta-se brevemente o ambiente em questão e sua história. Na seção “*identidades*” descreve-se o público e as identidades do 1007. A seção “*a gente é ‘S’: as pedagogias*” tem como objetivo analisar os processos do público e da casa mencionados nas seções anteriormente, além dos dados da etnografia que denotam a existência de pedagogias que atuam sobre a identidade de gênero e performances de gênero de seus frequentadores.

## **1. O que é o 1007?**

Esta seção descreve e analisa o lugar 1007, seus ambientes, a sua história, como uma das casas noturnas mais conhecidas de Florianópolis que se constrói num espaço onde funcionava anteriormente uma casa de prostituição. Para compreensão da construção do 1007, apresenta-se uma perspectiva da história a fim de se compreender a configuração daquele espaço no momento da pesquisa e, principalmente, assimilar as percepções e imagens que os frequentadores têm do lugar - onde tais aspectos históricos costumam ser lembrados.

## 1.1 De puteiro a balada: Formação do ambiente educativo

O 1007<sup>4</sup> era uma casa noturna, localizada na rua Alameda Adolfo Konder, 1007, centro de Florianópolis – SC, ao lado da ponte Hercílio Luz<sup>3</sup>. A casa possui quatro andares para subsolo, o que será descrito no decorrer desta seção. A abertura da casa se deu há mais de 30 anos. Inicialmente era uma casa de sauna para homens denominada *1007 sauna for men*. Depois transformou-se em um prostíbulo cujo nome era *Alameda Girls*. Neste formato possuía vários quartos, nos quais as mulheres trabalhavam e moravam.

Em 2009, com a crescente cena alternativa de Florianópolis, conforme Neto (2011), houve queda do atendimento do público no prostíbulo. Rafael D’Ávilla, mais conhecido como Rafael Korova, teve um *insight*, no apartamento de sua amiga, localizado na frente do 1007, e decidiu realizar uma festa para expandir a divulgação da sua grife *Korova* dentro do prostíbulo *Alameda Girls*. A negociação sucedeu sem problemas e no dia 4 de julho de 2009 ocorreu a primeira festa do 1007, denominada “*korova hot spot party*”.

O ambiente possuía dois espaços em um prédio só, a casa noturna e o prostíbulo. Isso durou de 2009 até março de 2010. O 1007 era uma mistura de prostíbulo e balada. Os proprietários tentavam privar um ambiente do outro, mas era quase impossível. A balada acontecia no penúltimo andar e o prostíbulo no andar intermediário, a única coisa que separava os frequentadores da casa noturna do prostíbulo era uma porta destrancada. O aspecto *trash*<sup>4</sup>, sexual e ousado é explícito na estética, na arquitetura e design do lugar, desde sofás de zebras, banheiros unissex, *pole dance*, lugares para fazer atos sexuais e ainda a companhia de meretrizes e frequentadores do prostíbulo no mesmo lugar. O 1007 apresenta, desde seu início, o “diferente” (para padrões de classe média da maioria de seus frequentadores), o considerado *tabu*, o sexual e o ousado para discussão entre seus frequentadores (NETO, 2011).

---

<sup>4</sup> Por causa da crise da pandemia do covid-19, o 1007 fechou as portas em 2020. Não se possui informação se abrirá novamente.

<sup>3</sup> Ponte pênsil, ponto turístico de Florianópolis.

<sup>4</sup> Trazendo aquela ideia de lixo, ruim, estragado, diferente, gosto duvidoso, que está fora da cultura central da sociedade.

Com as festas tornando-se mais frequentes, com a perspectiva de tornar um negócio, o prostíbulo fechou. Thiago Mann se tornou locatário do ponto, cuidando da parte administrativa e burocrática. Já Rafael Korova cuidava da organização das festas. Desta forma, o local mudou de nome para *1007 boite chick*. O 1007 pela numeração do local na Alameda Adolfo Konder. *Boite* para se remeter a cabaré e *Chick* para repassar a ideia de elegância e distinção (BOURDIEU, 2007).

De 2012 a 2014, o 1007 *Boite Chick* teve várias mudanças, Rafael Korova saiu da produção e Isaac Varzim, que já trabalhava na cena alternativa da cidade, assumiu. Houve vários momentos em que a casa foi fechada para reforma ou por decisão judicial, principalmente após o acidente da *Boate Kiss*, em Santa Maria – RS<sup>5</sup>. Mas os frequentadores não deixavam de expressar seu “amor” pela casa noturna, realizando vários encontros em outros pontos da cidade, ou realização de blocos de carnaval, organizados pelo próprio 1007, a exemplo de uma comemorada festa num barco. Em 2014 a casa fechou, deixando o nome 1007 *Boite Chick* e transformando-se somente em 1007. O letreiro, anteriormente vermelho, que à casa de prostituição, mudou para cinza. Houve mudanças no fumódromo, transformando-o em um *deck* com vista panorâmica da ponte Hercílio Luz, alteração no sistema de som, iluminação e novos caixas<sup>6</sup>.

Assim, percebe-se que o 1007 possui uma história que vai se modificando de acordo com seu público e com a modernização da cidade, alterando-se de prostíbulo, na década de 1970, passando pela modernização da cidade até possuir um molde diferente de outras casas noturnas e possuindo uma das melhores vistas da cidade para ponte Hercílio Luz. Nota-se, entretanto, que não é qualquer coisa que é “preservada” nessa memória do 1007 entre os frequentadores e funcionários. O 1007 também já foi uma casa de sopa, chamada Jogral. Mas essa parte da história é pouco lembrada durante a entrevista com Thiago (proprietário da casa noturna). O que fica (na memória) é o que significa (BOSI, 1994). Talvez essa memória não seja importante para imagem/*marketing* da casa, ao contrário

---

<sup>5</sup> Acidente que acarretou na morte de 240 pessoas em 27/01/2013, causando um impacto em todo Brasil sobre os cuidados que devem ser tomados durante a realização de eventos nas casas noturnas do país.

<sup>6</sup> Remete-se ao caixa para colocar créditos na pulseira da festa, créditos que são utilizados nas compras dentro da casa noturna.

da imagem associada ao sensual, do sexual, do ousado ou transgressor, do *trash* e moralmente limítrofe.

## 1.2 Lugares e ambientes

Pode-se dividir o lugar 1007, em vários ambientes: internos, externos e de interação. Cada ambiente possui uma interação entre o público e os funcionários do 1007. Para o presente artigo, podemos citar os ambientes internos: *deck*, porão, pista principal. Os ambientes externos: fila normal e escada da Unicred<sup>7</sup>. Já os ambientes de interação seriam as redes sociais do 1007, das quais os clientes usufruem.

Nos ambientes internos, o *Deck* se localiza no primeiro andar, antigo fumódromo da casa, dividido em duas partes conectadas. Na primeira parte, o chão é de piso e possui telhado. Ao lado direito, um bar. Já na segunda parte, o chão é de madeira. Ao fundo, uma grande parede de vidro com vista panorâmica para a ponte Hercílio Luz. Ao lado esquerdo, banheiros. A parte de madeira é aberta e possui várias poltronas e cadeiras para sentar, sempre em círculo em volta de uma mesa. Percebe-se a intenção da casa de criar espaços de encontro e conversa entre as pessoas, tanto que a luz e o som são mais ambientes, propício à conversa. Este ambiente, segundo a pesquisa etnográfica, é o local das conversas e das fofocas, tanto das festas anteriores quanto da semana, sendo também é o mais versátil pois, dependendo da festa, ele altera sua finalidade podendo receber brincadeiras, como touro mecânico, receber café da manhã oferecido pela casa ou receber artistas, como a musa *trash*, símbolo sexual da década de 1970/1980, Gretchen. O ambiente foi organizado para fotografá-la com os clientes.

Descendo as escadas encontramos o porão, antigo local do prostíbulo. O local possui formato retangular, escuro. Na entrada, à esquerda, está o bar. No canto à direita está a cabine do *DJ*. À esquerda da cabine, os banheiros. À frente da cabine, duas barras de *pole dance*, com um grande sofá vermelho que termina em um semicírculo. Em cima do sofá,

---

<sup>7</sup> Possui este nome pois é a escadaria do prédio da empresa Unicred.

um painel preto com bolas de várias cores que piscam dependendo da música. No meio da pista depara-se com um grande globo de espelho, remetendo ao antigo globo que possuía antes da saída do prostíbulo.

Neste ambiente a música é mais alternativa, depende do estilo da festa, oscilando entre eletrônica com *indie rock*, *pop* e *rock*. Desta forma, as pessoas que frequentam este ambiente alteram as escolhas dependendo do estilo da música que estiver tocando.

Descendo mais um lance de escadas depara-se com o “bar da Évora<sup>8</sup>”. Seguindo as escadas chega-se à pista principal, penúltimo andar da casa. No último andar ficam os banheiros, um masculino e outro feminino – o que não significa que sejam usados da forma referida conforme sexo biológico. Logo que se chega à pista na sua frente vê-se a pista de dança e a cabine do *DJ* e ao lado um pequeno palco com duas barras de *pole dance*. A pista possui dois bares, dois caixas e espelhos a rodeiam. Ao lado direito um letreiro em *neon* anuncia em inglês otimista a chegada de novos tempos (“*great times are coming*”). Um grande degrau de cimento é utilizado pelo público para sentar ou dançar em cima. No fundo, no canto da direita, está a escada que dá acesso ao último andar, aos banheiros, além de uma grande janela com vista para a ponte Hercílio Luz.

Na pista dança-se: *pop*, *funk*, *axé*, eletrônico, *mpb* - há relatos que até *gospel* e erudito já tocaram no 1007. A iluminação é diferenciada. No teto estão penduradas várias “bolinhas”, em diferentes alturas, formando o que se parece com uma onda, e que brilham de acordo com a música que está tocando. As barras de *pole dance* são a grande sensação da pista, mulheres e homens heterossexuais, gays, lésbicas, entre outras identidades de gênero e sexualidade sempre sobem e perfomam, dançando e sensualizando em torno do poste. Alguns clientes também dançam de cabeça para baixo e fazem verdadeiras performances nas barras de *pole dance*. Algumas vezes ocorrem disputas e o público fica gritando para quem dança melhor. Essas disputas podem ocorrer espontaneamente,

---

<sup>8</sup> Évora era a antiga governanta da casa de prostituição e coordenava os *shows de strip tease*. Após o fim do prostíbulo ela continuou a trabalhar no 1007 por um tempo. O nome do bar é uma homenagem a ela.



durante a festa, ou a casa as organiza. Como se pode observar nas anotações do diário de campo:

[...] o *pole dance* está cheio de mulheres dançando, elas tentam imitar danças de *pole-dancers*, homens hétero e gays também sobem no *pole*, mas os homens hétero logo saem, os gays ficam e dançam com as mulheres. As mulheres tentam imitar os gays, os homens héteros que sobram olham e tentam dançar junto também. Lésbicas sobem no *pole* e dançam com todo mundo: gays, lésbicas, mulheres e homens hétero.

[...] Uma mulher que consegue fazer contorcionismo sobe no *pole dance* e faz um *show* esticando a perna até a cabeça, subindo no *pole* [...] recebe gritos e aplausos (Diário de campo, Festa Nude, 20 de agosto de 2015).

Na observação dos usos da geografia da casa por seus frequentadores, um ponto que chama fortemente a atenção etnográfica no 1007 são as escadas, utilizadas para transitar entre os andares. Apertadas e com pouca iluminação, dificilmente passam por elas duas pessoas lado a lado. As escadas são aparentemente um elo entre os diversos ambientes, mas, durante as festas, elas se tornam elas mesmas ambientes valorados simbolicamente pelos frequentadores, pois nelas acontece um movimento incessante de pessoas subindo e descendo, a sós, em dupla ou em grupo, conversando e olhando para quem vem no sentido contrário.

Há que referir as áreas externas que fazem parte da frequência à casa noturna e não pertencem ao 1007, mas são utilizadas tanto quanto as internas. Os espaços externos, para o propósito aqui definido e também pelos frequentadores da casa noturna, são: “fila normal” e a “escada da Unicred”.

A fila normal, como é chamada pelo público e pela casa, é o local onde fica o público que não comprou ingresso antecipado, nem possui entrada *vip*. Assim, todos deverão passar na bilheteria para pagar a entrada. Nessa fila ocorre o esquentar para a festa. A maioria toma *vodka* misturado com energético, suco ou refrigerante. Essa fila sempre representou o caos e a adoração do público. Nela se faz amizade, já se observa como está o movimento pré festa, divide-se a bebida com quem não possui. O tamanho da fila é influenciado pelo dia do mês. Início do mês normalmente é mais cheio. Também é influenciado pela temática da festa. Em algumas festas chega a ter 800 pessoas na fila. Geralmente, a fila se inicia por

volta das 22 horas. Às 22 horas e 30 minutos é distribuída a senha e às 23 horas inicia a festa que vai até as 5 da manhã.

A escada da Unicred é o local que fica na frente do 1007. As pessoas utilizam o local para realizar o esquentar antes de ir para a fila normal. Quem permanece, provavelmente possui ingresso antecipado ou *vip* para a festa. Assim não pega fila normal. Questões de classe social e relações de poder estão associadas à distribuição dos frequentadores nesses espaços externos, estabelecendo hierarquias simbólicas e sutis entre eles pois quem pega fila *vip* ou possui capital é alguém afetiva e simbolicamente importante no 1007.

Nesses ambientes, o público também se distribui ao despedir-se da balada: senta no final da festa para esperar ou decidir o modo de ir embora ou também comer os cachorros quentes vendidos nas calçadas na saída da festa. Desta forma, há uma relação entre a escada da Unicred e o *Deck*, pois ali se inicia e finaliza realmente a festa, conversas e fofocas de diferentes assuntos ocorrem nesse ambiente. Pode-se perceber, no registro do diário de campo, o teor de algumas conversas:

[...] Durante o esquentar, Fernanda, André, Rodrigo, Clara e eu tivemos uma conversa sobre “beijo grego”. Percebe-se que André e Rodrigo possuem mais intimidade com o assunto e são mais abertos ao diálogo. Dizem abertamente que já fizeram em outras pessoas e já receberam. Já Clara e Fernanda nunca fizeram nem receberam de alguém. No decorrer da conversa, Clara se interessa muito sobre o assunto e diz que queria fazer e receber algum dia. Fernanda, então envergonhada, diz que não tem curiosidade de fazer. Clara tenta convencer Fernanda a tentar algum dia, recebendo a resposta: “amanhã nós conversamos sobre isto” (Diário de campo, Festa *Work* ostentação, 9 de agosto de 2015).

As pessoas só estão reunidas ali em função da ida ao 1007, supostamente para dançar, beber e se divertir. A fruição da noite inclui também a conversa, que adquire um caráter íntimo e pessoal e começa fora da casa noturna. A intimidade, possivelmente estimulada pela desinibição do álcool, permite que a conversa avance sobre temáticas mais relacionadas a uma prática sexual desigualmente conhecida ou praticada por integrantes do grupo ali reunido. Nesta pequena passagem do diário percebe-se que aquilo que é tema desta pesquisa - o 1007 como espaço de pedagogias - está presente também nesses espaços, e que se há uma pedagogia sobre comportamentos de gênero e sexualidades que

é “vertical” (do estabelecimento para frequentadores e frequentadoras) há também pedagogias que podemos pensar como “horizontais” (as que circulam entre as pessoas que frequentam o 1007).

O último espaço identificado durante a pesquisa com o espaço de interação associado ao 1007, não é realmente um espaço físico, mas sim um espaço *on-line* propiciado pela popularização da *internet* e das redes sociais *on-line*. O 1007 possui várias redes sociais que fazem a interação entre o estabelecimento e seus frequentadores, dentre elas estão o *facebook*, *instagram*, *snapchat*. Mas, há também a interação entre os frequentadores uns com os outros, que utilizam estas mesmas redes sociais, mas também o *whatsapp* para conversar e marcar compromissos.

Por meio das redes o 1007 divulga as festas da semana, posta as fotos das festas passadas, todas as informações dos eventos, promoções, divulgações, *marketing* e comunicados importantes, proporcionando uma interação *on-line* entre o 1007 e o público. Deste modo os frequentadores sempre sabem das novidades do 1007. A principal e mais utilizada rede social utilizada pelos frequentadores para se comunicarem é o *whatsapp*. Este aplicativo permite a conversa imediata e conversas em grupos. Vários frequentadores possuem grupos sobre 1007, formados para o 1007 e com pessoas que conheceram no 1007.

Percebe-se que essa interação é muito importante para a casa. A interação do público entre si e com os funcionários da casa é relevante para o funcionamento das festas, para o estabelecimento e circulação das pedagogias de gênero e sexualidade que interessam a esta pesquisa.

## 2. Identidades

Esta seção descreve e analisa as identidades do público do 1007, procurando descrever quem frequenta o 1007, as “tribos”, emblemas, músicas, estilos e busca esclarecer se por meio dessas características pode-se considerar que representam um *ethos* do 1007. Para uma identificação sociológica do público frequentador, além da base etnográfica do

trabalho de campo, a pesquisa contou com um questionário realizado com 69 frequentadores, que foi divulgado nas redes sociais, a partir das redes pessoais do pesquisador em campo, um homem cis, bissexual, branco, universitário então com 21 anos, e com a já referida entrevista concedida pelo proprietário da casa Thiago Mann. Para melhor representação da amostra, como foram menos que 100 questionários respondidos, foi escolhido como recurso metodológico utilizar números absolutos ao invés de percentuais.

## 2.1 Caracterizando o público

Segundo o questionário realizado *on-line* durante a pesquisa, 29 dos frequentadores têm idade entre 21 e 23 anos, 23 possui entre 18 a 20 anos, 13 possui entre 24 a 26 anos e somente 4 de 26 a 28 anos. Não foi encontrado nenhum frequentador com mais de 28 anos. Sobre o grau de instrução dos frequentadores, 41 pessoas declararam ensino superior incompleto, 10 pessoas, ensino superior completo, 9 com ensino médio completo e 9 com pós graduação completa ou incompleta.

A partir da inquirição acerca da orientação sexual, percebe-se que há um público bem diverso: 32 pessoas são homossexuais, 25 heterossexuais, 11 bissexuais e 1 não se definiu. Não obstante uma frequência eventual à casa noturna, nenhuma pessoa trans ou *Queer* participou do questionário. Dentro do universo acessado via questionário, em relação a identidade de gênero, percebe-se um predomínio do público masculino, 39 frequentadores se identificaram como gênero masculino, em relação ao público feminino que apresenta 30 pessoas.

A partir desses dados e da observação em campo, tem-se que o público que frequenta o 1007 é jovem, universitário e, mesmo a casa não se rotulando como lugar LGBTQ+<sup>9</sup>, tem um perfil majoritariamente homo e bissexual. Thiago, o proprietário, afirma que a “[...] gente

---

<sup>9</sup> Sigla para identificar a comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, transexuais, travesti, transgêneros ou outra identidade de gênero ou orientação sexual.

é [...] ‘S’ do GLS<sup>10</sup>sabe, não é GLS, é S, todo mundo é simpatizante, sabe, tipo G, L, bota um rótulo numa pessoa e é exatamente isso que a gente não quer [...]”. A casa não se rotula como lugar LGBT+ (GLS utilizada pelo proprietário), mesmo os dados mostrando que a maioria do público seja composta por bi e homossexuais, segundo o questionário 43 pessoas. Thiago parece associar o perfil do público de seu empreendimento à própria universidade, a verdadeira fonte do público e da diversidade do 1007:

[...] a gente participa: eventos universitários e qualquer coisa relacionada à universidade, a gente acha que lá tá o nosso público alvo e lá tem muito ‘S’, as pessoas têm cabeças mais abertas [...] têm turmas da UFSC que vêm junto assim e pensa o monte de gente diferente tem hippie, tem pobre, tem o rico, tem a loira, tem o negro, tem um gay, um hétero, assim assado [...].

O empresário traz a ideia dos debates e diversidade sociais dentro das universidades, locais de relações de classe, de gênero e de raça idealmente diversas, talvez harmônicas, de alguma forma estendidas à casa noturna, ocasionando no 1007 um lugar de diversão para todos. Mas a casa sabe que seu público é predominantemente homossexual: “[...] atualmente tem muito gay aqui dentro, porque aqui eles se sentem bem [...]”. Deste modo o 1007 se intitula “S” por aceitar todas as identidades de gênero e sexualidades, mas sabe que grande parte do público é gay, mesmo possuindo preço de entrada igual para homens e mulheres.

Em relação à classe social, a partir dos dados obtidos pelo questionário, às informações relativas à profissão dos frequentadores e de seus pais, constata-se que é um público de classe média e média alta. Correlacionado a isso, tem-se os dados sobre a auto identificação de raça ou cor no qual 52 pessoas se auto identificaram como brancos, 14 pessoas pardas e 3 pretos.

A pesquisa etnográfica e os dados de raça ou cor dos frequentadores do 1007 evidenciam que se trata de uma balada “branca”. Poucos negros frequentam o 1007. Entretanto, malgrado o perfil eminentemente branco do público, alguns negros são frequentadores assíduos. Apenas a festa *Work* atrai um público negro maior, pelo tipo de música e um

---

<sup>10</sup> Sigla utilizada para se referir a comunidade Gays, Lésbicas e simpatizantes. Atualmente esta sigla está em desuso por excluir outras identidades de gênero e orientações sexuais.

*marketing* mais específico para o público negro. Quando perguntado a respeito, os funcionários não sabem justificar por que o público frequentador ordinário é predominantemente branco. Pode-se considerar que o público do 1007 é majoritariamente branco porque é um público de classe média e essa classe média de Florianópolis é predominantemente branca. A população de Florianópolis se auto declara: 84,54% branca, 4,94% preta e 9,73% parda<sup>11</sup>. Conclui-se que esta característica da cidade se reproduz dentro do ambiente em questão. Entretanto, se considerarmos os dados fornecidos pelo público que respondeu ao questionário, é necessário pensar que a parcela da população negra dentro da classe média na cidade é ainda bem menor do que o revelado na enquete. É possível que, mais que representar o perfil de classes da cidade de Florianópolis, os dados apresentados informem mais sobre o perfil universitário que, nos últimos anos, mediante políticas de ação afirmativa como políticas de cotas, tem integrado a população negra, alterando consideravelmente as proporções entre brancos e negros na universidade e, conseqüentemente, em espaços como o 1007. Para além de todas e quaisquer minúcias e sutilezas de nossos esforços interpretativos dos dados circunstanciais obtidos durante esta pesquisa de campo, é necessário fazer referência ao racismo estrutural que permeia historicamente as relações sociais no Brasil e, conseqüentemente, em Santa Catarina, apartando negros dos espaços de sociabilidade e pedagogias da juventude branca.

Assim, é possível identificar alguma heterogeneidade em relação à idade, classe, escolarização e identidade de gênero entre as identidades de frequentadoras e frequentadores do local. Thiago salienta que está sendo mais fácil “educar” seu público em relação a uma “cultura” (presumidamente aberta à diversidade) e a como se comportar dentro 1007, conforme sugere sua fala abaixo:

[...] vou te dizer que cada vez ficou mais fácil. Quanto à cultura, num primeiro momento a gente tinha que educar muita gente. Como a gente atendia muita pouca gente inicialmente, era pouca gente que já sabia dessa cultura. Com a popularização do 1007, apareceu muita gente. E então, nesse momento, foi quando ficou mais difícil e a gente teve que

---

<sup>11</sup> Dados obtidos por meio do censo do IBGE 2010.

trabalhar muito, convencendo e tal. Hoje em dia pode-se dizer que a maioria sabe como se “comportar” no 1007.

### 3.2 Um ethos 1007

Não se pode caracterizar o público do 1007 como homogêneo. Há variações de gostos e estilos, mas é possível falarmos de *ethos* no sentido utilizado por Geertz:

[...] símbolos sagrados funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo — o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo, disposições morais e estéticas — e sua visão de mundo — o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas ideias mais abrangentes sobre ordem. [...] *Ethos* de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem-arrumado para acomodar tal tipo de vida [...] (GEERTZ, 2008, p. 66/67).

O proprietário do 1007, Thiago, retrata os valores e os costumes do público do 1007 na sua fala: “A gente não vai fazer um *outdoor* botando nossos valores, sabe? Quem vem aqui, quem convive, como tu, não quem vem uma vez ou duas, quem vem direto, sabe quais são nossos valores”. Thiago relata que somente quem vive frequentemente no 1007 pode viver o 1007 e toda sua cultura, seu modo de viver, seus costumes. Analisando o gosto e estilo musical, a aparência, o modo de beber, podemos encontrar um modo de viver, um costume, uma cultura, um *ethos* do público do 1007.

A partir do questionário aplicado, percebe-se que o estilo preferencial do público é *Pop*. As “divas” foram escolhidas como as cantoras preferidas pelo público. Para os nativos, o *pop* é associado à música homossexual. Mas, como mencionado anteriormente, outros estilos também mesclam os *sets* dos *DJs* da casa.

A aparência é uma questão fundamental dentro de uma casa noturna, principalmente no 1007, pois o ar burlesco mas *chick*, alternativo, do local, exige, se pode ir trajado de

qualquer modo a essa casa noturna. As roupas utilizadas são bastante heterogêneas. Homens usam calça *jeans*, camisetas ou camisas e tênis. Já as mulheres usam basicamente *short*, saia, com camisa também ou tênis ou bota ou sapatilha.

O principal objetivo ao observar o vestuário é identificar a que “tribo” pertencem ou são incluídas. É possível perceber, nas anotações do diário de campo: “Joaquina chega toda de preto, recebe elogios de vários em volta, com *short*, meia calça, salto e jaqueta de couro. Chamam ela de emo, gótica, roqueira, vampiro, urbano, casual”. Mesmo sendo um comentário irônico, as características da roupa identificaram uma “tribo” para aquela roupa.

A roupa é capaz de revelar algo a respeito do individual. Percebe-se que a roupa não valida tão somente um conhecimento coletivo social tradicional. Em uma sociedade complexa, individualista, a vestimenta é capaz de refletir sobre a subjetividade do indivíduo que a usa (dentro de um código social, do grupo). A roupa exterioriza uma identidade, no qual retrata um *ethos* (BARTHES, 1999). Assim, o público em questão se veste para demonstrar qual sua identidade, e assim *ethos*, sendo reconhecido pelos demais.

A aparência também classifica a identidade de gênero das pessoas. O público classifica um ao outro pelos conhecimentos culturais que adquiriram sobre o que seria para homens e o que seria para mulheres. O público classifica se é uma lésbica ou *gay* ou heterossexual, pelo modo de se vestir, falar, andar e dançar, utilizando esses conhecimentos culturais adquiridos pela história, mais conhecido pelo público LGBTQ+ como *gaydar* - o qual consiste no “radar *gay*”, aquele que define quando alguém é homossexual ou heterossexual. Definido pelo modo de agir, vestir ou falar.

Por exemplo, os comentários feitos quando os frequentadores veem alguém com tênis esportivo, de mola, caracterizando principalmente os homens héteros, comentários como “ninguém merece tênis de mola na balada”, “o bom de pegar alguém com tênis de mola é que pegas ele e depois vais correr maratona”.

Outro aspecto que te identifica dentro do ambiente em questão é o ato de beber, como beber e o que beber. Durante a observação constatou-se que os heterossexuais costumam



beber de forma mais individualizada, com preferência pela *vodka*, consumida misturada com algum refrigerante. Deste modo, sempre estão carregando um copo com gelo e bebida, ao mesmo tempo uma lata aberta, que seria o restante do refrigerante que não coube no copo.

Ainda de acordo com o universo pesquisado, o público homossexual possui um costume de beber mais coletivo. Quando bebem *vodka* com refrigerante, não ficam segurando o restante da lata, eles dividem com os amigos que também estão bebendo *vodka*. Mas, a bebida preferida entre o público homossexual são os *long drinks*, dentre os mais conhecidos como caipirinhas, *sex on the beach*, *piña colada*, até os drinks autorais da casa. Os *long drinks* normalmente caracterizam o público homossexual masculino. Dificilmente foi possível perceber, durante a observação, heterossexuais com *long drinks*. Sobre os *drinks* autorais da casa, é de se mencionar que não deixam de incluir em seus nomes a estética e atmosfera de sensualidade do universo burlesco que impregna todo o lugar e parece evocar o mito de origem do lugar associado a uma *boite*-prostíbulo, porém *chick*. O *shot* “Fada Erótica” é um bom exemplo dessa estética e imaginário aplicados às bebidas e à materialidade do estabelecimento.

Com o exposto, percebe-se que o 1007 é uma mistura de todos os públicos, estilos, roupas e tribos. Mesmo com todos os dados e percepções obtidos durante a pesquisa, não podemos classificar um único estilo como “certo” e adequado ao, do ou no 1007. O ambiente e seu público são essa mescla de estilos, identidades, gêneros, gostos numa combinação particular que entendemos como integrantes desse *ethos* do 1007.

Percebe-se que isso não é algo subjetivo, o próprio lugar influencia as pessoas a serem essa diversidade de estilos, aqueles aceitos pelo público.

### 3. A gente é “S”: As pedagogias

A partir do apresentado, compreende-se que em todos os aspectos que constroem um *ethos* do público já estão presentes pedagogias implícitas na socialização dos

frequentadores quanto às práticas, gostos, escolhas e atitudes. Mas o aspecto das pedagogias presentes nessas relações todas que mais interessa a este texto é o que diz respeito às pedagogias que versam sobre sexualidade e gênero. Esta seção tem como objetivo analisar todos os processos do público e da casa já mencionados nas seções anteriores à luz das reflexões sobre sexualidade e gênero.

### 3.1 Memórias, saberes e poderes

Foucault (2008) sugere que os objetos, as coisas, os lugares são formados regularmente por meio do discurso da sociedade. Desta forma, o 1007 é construído mediante o discurso dos clientes, do proprietário e dos funcionários. Por meio das redes sociais ou conversas dentro do 1007 observa-se a reiteração de uma representação em torno de um ex-prostíbulo, esquecendo ou desconstruindo toda a história do lugar como tendo sido também casa de sopa e um bar de classe média chamado Jogral.

Esse discurso não está somente no que é falado explicitamente, ele se apresenta também nas práticas sociais, “Porque cada ato social tem um significado e é constituído a forma de sequência discursivas que articulam elementos linguísticos e extralinguísticos” (LASCLAU *apud* FISCHER, 2001, p. 200). O discurso que associa o lugar à origem no prostíbulo e, por consequência, a erotismo, sexualidade e sensualidade se condensa em práticas caracterizadas, por exemplo, no uso das barras de *pole dances* sobreviventes (não por acaso) do tempo de prostíbulo. O discurso/prática no *pole dance* é “reapropriado” e ressignificado, mas mantendo-se próximo aos significados de sensualidade, erotismo e o tom burlesco característico do prostíbulo. Porém, ampliando a emissão do discurso também para o sexo masculino que o utiliza para expor uma sensualidade e identidade que brinca com os limites entre feminino e masculino.

Bosi (1994), estudando outro grupo etário, demonstra como a memória é reelaboração, e que é seletiva. O que é lembrado é o que tem significado na contemporaneidade. Fica claro, nas falas e documentos produzidos a respeito, que não é a casa de sopa ou o barzinho Jogral que é interessante ser lembrado, mas sim, o antigo bordel. De forma muito eloquente, essas identidades sublinham e valorizam o passado de prostíbulo que em nada

questiona o tema da prostituição no aspecto potencialmente político ou sociológico. Esse passado é evocado por dialogar com valores desses grupos que estão relacionados à licenciosidade, sexualidade, hedonismo e quebra de padrões morais, e que foram flagrados constantemente ao longo do trabalho de campo.

Partindo da premissa foucaultina de que “saber é poder”, pode-se interpretar que os clientes antigos do 1007 são hierarquicamente superiores aos clientes recentes, pois conhecer (parte da) a história da casa produz autoridade e poder, por manipular informações e administrar saberes. Essa relação dos antigos com os recém-chegados diz respeito ao conhecimento do 1007, sobre suas práticas sociais e discursos, que atravessam cada geração de frequentadores.

Deste modo, entende-se uma organização, um lugar, um momento a partir de uma certa formação discursiva do público ligado àquele lugar, neste caso o 1007. As relações de poder entre clientes antigos e clientes novos, e entre a casa e os frequentadores, estabelece uma formação discursiva que envolve os frequentadores pois “uma prática discursiva significa falar segundo determinadas regras, e expor as relações que se dão dentro de um discurso” (FISCHER, 2001, p. 204). Percebe-se isto quando Thiago argumenta que “a gente sente uma força do público muito grande, do público mesmo nos ajudando. A pessoa que não respeita os outros ela se sente, mesmo estando dentro do 1007, ela se sente fora desse universo, então ela não fica confortável para voltar amanhã”. Esta “pessoa que não respeita os outros” ela não segue as determinadas regras do discurso do 1007, deste modo, o público e o ambiente se negam, não acolhe essa pessoa, lhe é refratário. Assim, esta pessoa que não se integra às práticas discursivas do 1007 e não será reconhecida como pertencente ao universo do 1007.

### **3.2 Espaço educativo**

Percebe-se que o 1007 possui um discurso segundo o qual forma seus clientes para aquele ambiente. Essas práticas, ainda que restritas ao ambiente do 1007, têm um sentido de quebra de um padrão moral mais abrangente e podem ser vistas como aprendidas

naquele contexto e no qual adquirem um aspecto micro-político. Carrano (2001) argumenta que os sujeitos podem aprender mais em espaços da cidade do que em escolas nos processos de reforma moral e política, pela petrificação e imobilidade dos movimentos políticos e culturais dentro do espaço escolar tradicional, utilizando e se reformulando por meio dos discursos presentes nesses ambientes. Os dados etnográficos da pesquisa de campo sugerem que o 1007 também pode ser visto como um desses espaços de aprendizados experimentados por jovens ao menos com relação às questões de gênero, corpo e sexualidade.

Esta concepção de espaço educativo não é algo subjetivado. O proprietário sabe que isso ocorre dentro do 1007, segundo a entrevista concebida: “Não é questão de educar um cliente para ele viver interno, é para ele sair daqui com pensamento diferente. Nosso negócio principal não é educar pessoas para a vida, não é uma escola, sabe?”. Mas, quando algo acontece que a casa considera exagerado, o gerente impõe autoridade e “chamam para conversar” e ensinar comportamentos considerados mais adequados naquele contexto cultural. Nas palavras do proprietário, “A responsável à noite, que é gerente da casa [...], eles não [são] formados, mas são pedagogos, eles chamam o cliente que está se comportando mal para explicar nossa cultura, ensinar nossa cultura”.

Esses “algo exagerado” geralmente ocorre envolvendo novos frequentadores. Os comportamentos dessas pessoas muitas vezes destoam das práticas culturais instituídas entre os *habitués*, ou seja, com os valores que o público frequentador da casa compartilha e já aprendeu. Assim, os novos frequentadores que não se adequem às regras e discursos são excluídos da comunidade.

Mesmo assim, o 1007 é um espaço comum de diversos grupos de jovens pois, lá, diferentes estilos, culturas, identidade de gênero e por parte de todos se respeitam e quebram este distanciamento, tornando o consumo do ambiente parte da cultura, como expõem Carrano (2001, p. 16- 17):

[...] consumo de mercadorias não deixa de ser cultural, uma vez que é realizado num contexto de significação. As mercadorias encontram sua principal significação relacionada com o sensual, com o tátil, com a estetização, os estilos, a projeção do corpo e seus estímulos íntimos de

ser e se relacionar. Para a juventude, os espaços de lazer se constituem como verdadeiros espaços de sociabilidade e formação subjetiva [...]. Culto ao corpo, sexo, relação amorosas, esportes, drogas e amizades são variações temáticas que permitem que o lugar de encontro se transforme em laço e mercado de trocas materiais e simbólicas.

O 1007 transformou esse produto cultural, esse lugar de lazer e de encontro em laços e trocas que são materiais e simbólicas, no qual ocorrem pedagogias que regulam o “respeito”, como diz Thiago, coisas como o culto ao corpo, o sexo, relações amorosas, esportes, drogas e amizades.

### **3.3 “Aprendi a rebolar no pole dance”: a construção e educação do corpo para o 1007**

Corpo, segundo Goellner (2008), é todos nossos atos, roupas, modos de se expressar, intervenções (como tatuagens, próteses, brincos e *piercing*), linguagens, desse modo não é a biologia que nos define como iguais, mas os significados culturais e sociais que a ele se delega. Desta forma, o corpo possui uma significância diferente em cada lugar que se passa e se vivencia. O corpo é ele mesmo uma construção social, cultural e histórica.

Identifica-se o corpo como uma produção cultural, destarte ele é produtor e/ou portador de uma pedagogia que educa (SEFFNER; FIGLIUZZI, 2011). Assim, toda produção cultural está conectada diretamente com o ato de educar toda a sociedade: cultura, família, mídia, escola, corpo possuem princípios pedagógicos. Ainda na visão de Seffner e Figliuzzi (2011, p. 45) “educação é algo presente em muitos ambientes, a educação está em tudo”. Evidenciando que toda produção cultural, assim como todo corpo, possui uma pedagogia no qual, ensina, educa, pedagogiza.

O 1007 participa da construção e expressões do corpo e sexualidade de seus frequentadores através de suas pedagogias que se alteraram com o passar da história da casa. Dessa forma, alteraram também os corpos que produzem. Nada talvez seja mais claro com relação à sinalização de um pertencimento pelos frequentadores do 1007 que os comportamentos – as performances.

Seffner e Figliuzzi (2011) apresentam a perspectiva, segundo a qual o corpo resulta de uma pedagogia cultural construída pela sociedade a que pertencem, a qual constrói em cada indivíduo uma pedagogia de performance. “Perfomar” depende do local em que o sujeito se encontra para se sentir pertencente ao ambiente criando, assim, uma homogeneidade na performance daqueles indivíduos do ambiente.

O modo de dançar no *pole dance* também é um modo de performance, de mostrar, construir e constituir o corpo, a sensualidade, o sexual, a partir de danças sensuais ou inusitadas. As reações de aplausos e gritos são eloquentes quanto à aprovação daquelas performances vistas como manifestações de um pertencimento inequívoco ao lugar, ao grupo e a uma espécie de grau máximo do aprendizado de comportamentos esperados.

Mas como exposto anteriormente, todo local possui uma pedagogia e no qual educa o corpo, assim a casa noturna sabe que aquelas identidades e assim aqueles corpos vão se alterar em outros ambientes. Desta forma, a casa noturna deve alterar suas pedagogias, para o público se sentir pertencente naquele espaço. Eles não podem “trabalhar” da mesma forma como era no início em 2009, pois muitas pessoas não se sentirão pertencentes aquele espaço e não irão mais. Percebe-se assim que a casa altera suas pedagogias, dependendo de como o público reage a elas.

### **3.4 “Bicha, a senhora é destruidora mesmo, viu?”: a construção da sexualidade e gênero**

Assim como o corpo, o gênero e a sexualidade se (re)constrói durante toda vida e em transição (LOURO, 2008b). Consequentemente, as pessoas que declaram de determinada forma sua identidade de gênero podem alterar ou não a identidade de gênero declarada,

acionando masculino e feminino conforme a situação ou no interior de uma mesma fala, como sugere o título desta sessão<sup>12</sup>.

A partir das reflexões de Louro (2008a), indaga-se por que o público não escolheu outra alternativa para identificar seu gênero. Por que o público do 1007 foi formado pela construção social da cultura e discursos que vivenciam-se dentro do 1007 e em outros ambientes. Louro (2008a, p. 47) afirma que as “Diferenças de gênero e de sexualidade que são atribuídas [...] se expressam materialmente em seus corpos e na concretude de suas vidas, ao mesmo tempo em que são significadas e marcadas discursivamente”. Desta maneira, as pessoas que frequentam o 1007, que responderam que sua identidade de gênero é masculina, expressam essa masculinidade não apenas nas suas roupas, mas no modo de se portar e falar.

Nos grupos pesquisados, durante a observação, esses discursos que expressam masculinidades ou feminilidades são alterados durante as conversas. Por exemplo, foram pessoas que se identificam como masculinas durante o trabalho de campo que disseram: “guria, sou mocinha, pareço uma barbizinha, toda trabalhada na beleza, unha de garota” ou até o título desta subseção. Nestas falas temos sujeitos masculinos se auto-referindo no feminino. Assim, quando homossexuais masculinos, principalmente, utilizam estes termos, estes discursos, eles constroem e desconstroem estereótipos de gênero, reproduzindo de forma lúdica e até humorísticas representações sobre a fluidez das identidades de gênero e sexualidade.

Essa transição entre masculinidades e feminilidades não é, entretanto, no contexto etnográfico aqui trabalhado, algo que ocorre tão marcadamente com todos os e as homossexuais. Destacam-se alguns grupos, principalmente aqueles que se denominam passivas/afeminadas, grupo no qual homens que apresenta mais características ditas femininas. Este grupo destaca-se, pois, assumem abertamente a mobilidade e a posição de

---

<sup>12</sup> Frase utilizada pela participante Sangalo no reality show: Glitter: Em busca de um sonho, pela Tv Diário, em 2013. Virou um bordão entre a comunidade pesquisada.

transito como seu lugar, cujos discursos observam-se esses deslizamentos de masculino para feminino e vice-versa (LOURO, 2008a).

Diante do exposto, pode-se dizer que o gênero e a sexualidade são construídos e desconstruídos a todo momento no ambiente em questão, a partir de gestos, de atos, de discursos e linguagens, de papéis e lugares que os sujeitos empregam nos dados momentos em dadas relações. Sabemos que a transitoriedade de gênero e sexualidade ocorre nos mais diferentes contextos, mas é preciso lembrar o marcador de idade que perpassa o grupo pesquisado. Convém considerar que se trata de um grupo composto por pessoas predominantemente jovens. Se em todas as idades podemos admitir e prever descobertas e mudanças, é de se supor que a categoria etária seja aqui um potente eixo explicativo no entendimento das práticas do grupo, inclusive no que diz respeito à “abertura” a descobertas, mudanças e rompimento com padrões estabelecidos.

## **Considerações finais**

Em 2016, a mera e relativa publicação deste estudo em redes sociais gerou uma espécie de linchamento virtual em que desconhecidos desqualificavam universidade, curso, TCC, autor e orientadora. Este estudo, que garantiu o título de pedagogo ao pesquisador, associa pedagogia e educação à uma casa noturna na qual, como em qualquer outra, o álcool, as drogas, o sexo, a “pegação”, o beijo, a dança, a sexualidade e ainda a loucura estão em evidência a todo momento.

Procurou-se aqui entender os espaços do 1007 como tendo cada um deles usos, funções, uma identidade própria, onde ocorrem hierarquias e relações de poder e ainda, criam, reproduzem e produzem discursos de seus frequentadores. Há saberes circulando no 1007. São práticas de conhecimento e como tais são aprendidas. Quem frequenta há mais tempo a casa noturna, forma e reproduz práticas discursivas e não discursivas. Assim são exercidas relações de poder e saber na determinada comunidade. Lições são aprendidas, outras esquecidas, descartadas. Como numa sala de aula, o ambiente para o qual um



pedagogo é preparado para trabalhar, o espaço aqui estudado é palco de relações de poder.

Dentro de uma sala de aula está o principal objeto de trabalho de um pedagogo: seus alunos, os quais devemos ajudar a formar suas identidades individuais e coletivas. Mas pedagogias não estão só nas escolas e salas de aula, tampouco são exclusivas dos professores. À vista disso, neste estudo, à semelhança e também de forma muito diferente de uma sala de aula, percebe-se que o 1007 interfere sim na formação de uma identidade individual e coletiva de seus frequentadores, assim na construção do seu corpo e identidade, tornando-se assim um “espaço educativo”. Um espaço que forma uma identidade, uma cultura, valores, formando um *ethos* do 1007. O *ethos* formado a partir das memórias da antiga casa de prostituição *Alameda Girls*, que existia no lugar, que acarreta numa memória, burlesca e *trash*, que uma antiga casa de prostituição do centro de Florianópolis oferecia, e ao mesmo tempo um espaço no qual as pessoas que se identificam em aspectos importantes, compartilham certos códigos aprendidos socialmente e muito particularmente naquele contexto de frequência àquela casa noturna. Mas percebe-se que essas pedagogias presentes no 1007 não estão fixas, elas alteram com o passar do tempo, pois o ambiente sabe que seu público vai alterar sua identidade também em outros lugares, assim as pedagogias presentes dentro da casa noturna devem acompanhar essa mudança de identidade.

Gênero, sexualidade e corpo são produzidos, ressignificados e “reapropriados” pelos frequentadores do 1007, utilizando artefatos de discursos e não discursos que os próprios produzem, a todo momento novos conceitos de corpo, de sexualidade e de gênero são produzidos por meio das interações do público, o modo de dançar, o modo de beber, o modo de falar, todos os atos que constituem um sujeito. Conforme descrito, todo ambiente e práticas lá desenvolvidas são em certa medida educativas.

Nossa sociedade elegeu escolas e universidades como os lugares da educação. O curioso é que cada vez mais nos anos recentes, gênero e sexualidade vem sendo banidas dos espaços ditos tradicionais de ensino. A discussão sobre gênero, sexualidade e educação é política e grupos políticos no Brasil tem se organizado e se esforçado para bani-la da

escola. Por isso a reação inflamada nas redes sociais contra uma pesquisa que se propunha a pensar as pedagogias informais atuantes no contexto de uma casa noturna: Um violento episódio de *cyberbullying* contra um TCC em pedagogia que se propõe a discutir as pedagogias de gênero e sexualidade presentes numa balada LGBT+.

Podem banir a temática das escolas, ou dos TCCs, mas ela sempre estará presente na cidade, contando com um bar, uma fila, uma escadaria, um *pole dance*, uma balada (ex) casa de prostituição. Cabe a nós identificá-la, interpretá-la, compreendê-la e abordá-las dentro dos ambientes educacionais tradicionais também, para aprimorarmos os conhecimentos sobre elas com nossos alunos e alunas.

## Referências

BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1999.

BOUDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade - lembranças de velhos**. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994. 484p

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Jovens na Cidade. **Trabalho e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p.15-22, 2001. Agosto.

FISCHER, Rosa. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, Fundação Carlos Chagas, Editora Autores Associados, n. 114, p. 197-223, nov. 2001.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1.ed., IS.reimpr. - Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOELLNER, Silvana Viladre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Viladre (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. Cap. 2. p. 28-40.

LIMA E CUNHA, Lucas. Os clássicos da “literatura” sociológica infantil: as crianças e a infância de acordo com Marx, Weber, Durkheim e Maus. **PLURA L**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.20.1, 2013, pp.83-98

LOURO, Guacira Lopes. O currículo, gênero e sexualidade: o "normal", o "diferente" e o "excêntrico". In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008a. Cap. 2. p. 41-52.

LOURO. Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2, p. 17-23, mai./ago. 2008b

MAUS, Marcel. Três observações sobre a sociologia da infância. Revista **Pro-Posições**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 237-244, set./dez. 2010.

NETO, Alfredo M. **ENTRE DJS E PROSTITUTAS: O 1007 boite chick**. 201. 208 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

SEFFNER. Fernando; FIGLIUZZI. Adriza. Na escola e nas revistas: Reconhecendo pedagogias de gênero, da sexualidade e do corpo. **R. FAGED**, Salvador. n.19. p. 45-54. Jan/jun. 2011.

*Recebido: 27.05.2021*

*Aprovado: 30.06.2021*